

REGRESSO À CÚPULA DA PENA: O MITO DO ETERNO RETORNO EM JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

Laerte Fernando Levai¹

RESUMO: *Regresso à Cúpula da Pena*, a mais insólita narrativa ficcional da obra de José Rodrigues Miguéis, foi considerada por Óscar Lopes como um poema em prosa do regresso português à pátria. Neste conto, que suscita o mito de Eterno Retorno, um expatriado volta a Lisboa para reintegrar-se à sua gente e, sobretudo, a si mesmo. A trama segue um ritmo quase cinematográfico, impregnada de ansiedade e tensão, com a incerteza do herói em se readaptar ao tempo presente. Portugal de outrora é longe e inacessível aos olhos do viajante, que não quer ser estrangeiro em seu país. O embate travado no zimbório da Pena assume um caráter mítico, na qual o narrador-personagem enfrenta, em uma luta de vida e morte, seus próprios fantasmas. O emblemático confronto do Eu com o Outro, que transita entre os planos do onírico e da imaginação, acena inicialmente com a dúvida, para depois encontrar uma justificativa sobrenatural que permanecerá, ainda assim, encoberta pela máscara da ambiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: José Rodrigues Miguéis; regresso; embate; reintegração.

REGRESSO À CÚPULA DA PENA: THE MYTH OF THE ETERNAL RETURN IN THE WORK OF JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

ABSTRACT: José Rodrigues Miguéis' most unusual fictional narrative (*Return of Dome Pena*), was considered by Óscar Lopes a prose poem about the return of the Portuguese to their homeland. In this tale, which gives rise to the myth of Eternal Return, an expatriate goes back to Lisbon to rejoin his people, and especially himself. The plot follows an almost cinematic pace, full of anxiety and tension, with the hero's haziness to readapt to the present time. Portugal of the past is far and inaccessible to the traveler's eyes, who does not want to be a foreigner in his country. The clash that took place at the dome of Pena Palace assumes a mythical feature, in which the narrator-character faces his own ghosts in a struggle of life and death. The emblematic confrontation of Self against Other, which wanders between levels of dream and imagination, implies an initial question to then find a supernatural explanation that will remain buried beneath the mask of ambiguity.

KEYWORDS: José Rodrigues Miguéis; return; confrontation; reinstatement.

¹ Doutorando na Área de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

A vida e a obra do escritor José Rodrigues Miguéis, nascido em Lisboa ao alvorecer do século XX, têm como marca indelével o exílio. Bacharel em direito, articulista no jornal *A república*, assíduo colaborador da revista *Seara nova* e premiado em seu livro de estréia, *Páscoa feliz* (1932), ele também se licenciou em Ciências Pedagógicas pela Universidade de Bruxelas. Em Portugal, quando da ascensão de Salazar ao poder, Miguéis torna-se alvo da censura imposta pelo governo militar, sendo impedido de publicar em seu nome e de lecionar. Desiludido a situação política do país, em 1935 decide embarcar para os Estados Unidos. Foi uma viagem sem volta, uma nostalgia sem fim, uma ausência entremeada apenas por alguns períodos de visitação à terra natal. A distância de Portugal que tanto amava não o impediu, todavia, de compor sua obra sempre no idioma lusíada, contando as histórias de sua terra e de sua gente pela voz das personagens que lhe povoam a ficção.

Ramificada em contos, romances e novelas, além de crônicas, uma peça de teatro e uma narrativa autobiográfica, a obra de José Rodrigues Miguéis possui um *viés* humanista e social, sempre atenta ao papel fundamental da Arte em sua capacidade de redimir e de transformar a Vida. Foram os contos, em particular, que consagraram o Autor junto aos leitores e também perante a crítica especializada. Ninguém melhor do que Massaud Moisés para observar, a respeito de Miguéis, que

(...) é nos contos que atinge o pináculo de seu potencial criador. Neles, não se sabe que mais admirar, se a flagrância com que capta e reconstitui a “verdade” íntima das cenas que colhe nas suas andanças diárias, se a psicologia viva das personagens, que se diria de corpo presente no curso da fabulação, se o halo poético e a enorme simpatia humana que envolve tudo, se a justeza e a elegância do estilo (MOISÉS, 1974, p. 146).

Como expatriado que foi, o sonho do regresso está presente na maioria de seus textos. Ele bem sabia que, conforme o ditado popular, “partir é morrer um pouco”, como se o exílio fizesse parte do destino implacável que compõe, tantas e tantas vezes, a história ancestral dos povos. Aos que partiram o que resta nada mais é do que a memória das origens. José Rodrigues Miguéis sentiu isto em Nova York, cidade em que permaneceu até sua morte, em 1980. Nenhuma de suas histórias, todavia, logrou expressar com tamanha intensidade o mito do eterno retorno como *Regresso à cúpula da pena*, concebida em 1945 e publicada treze anos depois no livro *Léah e outras histórias* (Prêmio Camilo Castelo Branco de 1958).

A gênese deste conto, segundo o próprio Autor explicitou na narrativa autobiográfica *Um homem sorri à morte com meia cara* (1959), remonta à época em que ele esteve internado em uma clínica para doentes pobres, acometido de uma desconhecida moléstia considerada pelos médicos, até então, incurável. Foi ali, sob a agitação de uma noite passada em claro e à espera do fim, que o narrador autodiegético em situação-limite contemplara, pela janela do hospital, a imagem de East River com seus navios e rebocadores adormecidos na névoa do Atlântico, trazendo-lhe do outro lado do oceano toda a nostalgia da Lisboa de sua infância. Em meio ao desespero de um quase-morto agarrado à tábua da vida, nasceu o conto *Retorno à Cúpula da Pena*:

A infecção implacável cingia-me a cabeça, punha-me a vida em perigo. Mas o cérebro, mesmo trespassado dum dardo de dor a cada pulsação de sangue, funcionava ativamente. Nessa noite, que foi de insônia apesar de uma dúzia de aspirinas, concebi eu uma história que, aparentemente, nada tinha a ver com doenças ou mortes: a dum expatriado que regressa a Portugal ao cabo de vinte anos de ausência, para tentar reintegrar-se (MIGUEIS, 1965, p. 36).

Como bem observou Mircea Eliade, “A abolição do tempo profano e a projeção do indivíduo para o tempo mítico só acontecem nos períodos essenciais – isto é, naqueles em que o indivíduo de fato é ele próprio” (ELIADE, 1991, p. 39). Foi o que se deu com Migueis narrador autobiográfico de *Um homem sorri à morte com meia cara* (1959), na qual ele admite, desde o paratexto inicial, a verossimilhança dos fatos descritos. A Arte imitando a Vida, exatamente isso. *Retorno à cúpula da pena* narra, em primeira pessoa, a odisséia de um sonhado retorno: aquele que se aventurou como tripulante de um navio cargueiro, duas décadas antes, para viver nos Estados Unidos, retornava enfim a Portugal.

O enredo deste conto segue um ritmo quase cinematográfico, em que tudo está interligado: a ansiedade do protagonista recém-chegado a Lisboa, a multidão que lhe era familiar e ao mesmo tempo desconhecida, o medo de perder o comboio, a pressa de rever os cenários de seu passado, a vontade de se reintegrar. Café Suíço, telhados pombalinos, a velha estação, embarque para Sintra, apito nostálgico da locomotiva, imagens velozes, lagos com cisnes, hesitações, reconhecimentos, pequenos rituais, rostos antigos, memória pulsante, tensão e relaxamento, tudo isso contado de um só fôlego, por um homem que ousara desafiar o tempo. Ao subir, enfim, à cúpula do Palácio da Pena e ali se abandonar, quieto, restituído e aberto aos ventos de tantos anos perdidos, um acontecimento estranho suscita-lhe a dúvida entre o real e o imaginário. É que naqueles píncaros vertiginosos, o

personagem-narrador - em suposto delírio onírico - depara-se com a súbita aparição de um Rival, inimigo que lhe tenta aniquilar.

O embate que se trava entre os dois, qual duelo de vida e morte, é antológico: de um lado o protagonista acuado na agulha extrema do zimbório, defendendo-se com os pés do agressor que lhe quer atirar ao precipício; de outro lado, o rival transtornado, persistindo em sua enigmática obsessão homicida. Essa cena dramática e, ao mesmo tempo, patética, traz o componente do insólito ao conto, tornando-se o foco central da narrativa que se perfaz, toda ela, em planos abertos e repletos de luz, entremeada de mudanças nos ângulos visuais, efeitos de recuo e sutis simbolismos. O desfecho da luta teria sido favorável ao herói que, ao ver despencar o inimigo, despertou do transe. Mesmo aceitando a hipótese de que tudo não passara de uma ilusão dos sentidos, o narrador permanece intrigado: “Onde diacho é que eu fui desencantar esta cara, este rival, que nunca vi mais gordo, se em toda a minha vida não me lembro de ter tido um conflito, um ódio, um pugilato?” (MIGUÉIS, 1982, p. 137). Em seguida ele mesmo, recordando-se de um namorico juvenil com sua prima Henriqueta – que residia na Rua dos Navegantes - arrisca algumas hipóteses:

Ao esborrachar as ventas daquele rival, para o ver espadaçar-se nos penedais da serra, quem sabe se não era o meu passado de erro e olvido que eu estava, em sonhos, para todo o sempre aniquilando nos abismos?... Quem sabe se não era uma vida nova refeita, simples, sensata, que eu estava fantasiando obscuramente, e que brotava agora no meu coração de solitário com a lembrança-flor daquele idílio, daquele beijo, daquela prima doce e lânguida... (MIGUÉIS, 1982, p. 140).

Há de se perguntar, nessa altura, se José Rodrigues Miguéis – um escritor de tradição realista - adentrara nos domínios do fantástico. Para que se possa responder a questão com maior segurança é importante, desde logo, retomar alguns conceitos teóricos que permeiam tal gênero e, então, confrontá-los com os elementos de narrativa ficcional presentes no conto ora analisado. Tzvetan Todorov assevera, em sua clássica *Introdução à literatura fantástica*, que a incerteza ou a hesitação do leitor, em relação ao acontecimento estranho, é a primeira condição do fantástico:

A ambiguidade se mantém até o fim da aventura: realidade ou sonho? Verdade ou ilusão? Somos, assim, transportados ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação, e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente

ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas por nós (TODOROV, 2010, p. 30).

Remo Ceserani reforça essa característica dúbia no conto fantástico, no qual o leitor é transportado de um cenário confortável e tranquilo para outro bem adverso, permeado de elementos de medo e surpresa (CESERANI, 2006, p. 71). Ele também pondera sobre a possibilidade de o fantástico incorporar, ao mesmo tempo, elementos de terror e de humor, onde até o bizarro pode estar presente (CESERANI, 2006, p. 71). É justamente o que se vê no conto de José Rodrigues Miguéis, em que a paisagem mitológica representada pelos altíssimos rochedos do Castelo da Pena convive com o efeito cômico dado pelo próprio narrador que, ao acordar escoiceando o guarda do parque, ironiza aquela sua “exibição de valentia em sonhos” (MIGUÉIS, 1982, p. 137). Pesadelo ou imaginação do protagonista, não importa, o fato é que, neste conto, o real e o onírico confundem-se sob o mesmo sol, fazendo com que o tempo cronológico se abra e se divida em inusitados quadros, indo e vindo, alternando o passado da memória e o presente narrativo, em que os mortos supostamente retornam para se vingar dos vivos, em que o Eu se quebra e se divide. Seria aquele Rival assassino, afinal, uma manifestação do Duplo? Remo Ceserani fornece algumas interessantes pistas a esse respeito:

O desdobramento, gêmeos e sócias, a duplicidade de cada personagem, tudo isso é tema antigo, já muito desenvolvido no teatro, seja no trágico ou no cômico, mas também nas narrativas de todos os tempos. Entretanto, no fantástico, o tema é fortemente interiorizado, e ligado à vida da consciência, das suas fixações e projeções. O tema, nos textos fantásticos, se torna mais complexo e se enriquece, por meio de uma profunda aplicação dos motivos do retrato, do espelho, das muitas refrações da imagem humana, da duplicação obscura que cada indivíduo joga para trás de si, na sua sombra (CESERANI, 1986, p. 83).

Coincidência ou não, o fato é que o Autor do conto sob análise não se olvidou a fornecer elementos textuais que, de forma poética, sugestionam a presença do Duplo. Como dois astros ocupando, a um só tempo, o mesmo lugar no espaço. Algo que se julgava inconcebível e que verdadeiramente ocorreu, décadas antes, sendo testemunhado pela personagem-narrador ali mesmo, na cúpula da Pena. Foi um acontecimento fantástico. Volta-se então no tempo, mediante um efeito de recuo. Ao rememorar episódios ali vivenciados por ele, o protagonista descreve a estranha sensação que teve ao pernoitar certa vez no local, quando das ameias do Castelo dos Mouros logrou presenciar um fenômeno espetacular no céu:

Foi no Verão, não há memória dum Agosto assim tão quente. A coisa mais extraordinária, nunca o hei de esquecer, foi que o Sol se pôs no

mesmo instante em que a Lua rompeu, e vinha cheia! Um espetáculo como nunca vi outro, nem sol da meia-noite, nem auroras boreais. Eram dois sóis, qual deles o maior, qual o mais vermelho, suspensos no horizonte, em lados opostos do mundo. Parecia uma alucinação ou um caso de espelhismo natural. Durante instantes tive a ilusão dum fenômeno ou cataclismo (MIGUÉIS, 1982, p. 129).

Fernando Ribeiro de Mello, ao estudar o fantástico na literatura portuguesa, observou que uma das preocupações dominantes nos contos desse gênero é a sua verossimilhança, ainda que o texto possa se apresentar dúbio ou ambíguo aos leitores. Assim sendo, o binômio verossimilhança/inverossimilhança está sempre presente na base dos escritos fantásticos, sobretudo nos de estilo europeu, lastreados em descrições de cunho realista. Os elementos textuais presentes no conto de Miguéis, repletos de alternância nos planos temporais e efeitos de recuo, são comuns em suas narrativas psicológicas, como demonstra Mello:

A ambiguidade dos textos portugueses revela, antes, uma solução de tipo poético. Mas talvez essa certeza (quase atávica) da existência e presença da sobrenaturalidade e da possível relação com seres não humanos, ou da interferência de diversos mundos, ou da não diferença absoluta (mas apenas relativa) entre natural e sobrenatural, venha diretamente da influência medieval católica (MELLO, 1974, p. 17).

Retornando às lições de Todorov, verifica-se que o advento de um fenômeno estranho possibilita dois caminhos distintos para sua interpretação, um que se explica por causas naturais e outro de ordem sobrenatural, sendo que em meio aos dois – no tempo em que durar a hesitação – reside o efeito fantástico (TODOROV, 2010, p. 31). E prossegue o teórico russo, em seus ensinamentos, citando Olga Reimann: “O herói sente contínua e distintamente a contradição entre os dois mundos, o do real e o do fantástico” (TODOROV, 2010, p. 31). Dois mundos. Dois sóis. Lisboa e Nova York. Estranho e estrangeiro. Memória e nostalgia. Dicotomias da alma portuguesa, reveladas nos sentimentos dos navegantes desterrados que, vindos do mar desconhecido, retornam ao porto seguro de seu espaço-berço. E que o fazem não para lembrar, mas para reconstruir.

Não foi à toa que Óscar Lopes definiu *Regresso à cúpula da pena* como “um poema em prosa do regresso português à Pátria” (LOPES, 1961, p. 67), certo de que neste conto – assim como em numerosos outros produzidos por Miguéis – reside a preocupação maior do Autor em integrar o Eu individual, qual seja, “a ansiedade de integração moral e estética da vida humana” (LOPES, 1961, p. 63). Isto é algo que se aprimorou nele, sem dúvida, pela difícil experiência do exílio:

É fácil de descobrir, entranhado nessa experiência, um sentimento dominante de saudade (...). As histórias que Miguéis nos conta na primeira pessoa (e são muitas), por muito variavelmente que o narrador se caracterize (e Miguéis usa uma surpreendente variedade de estilos ou tons humorais de narração), revelam todas uma idêntica angústia de alguém que se sente estrangeiro, estrangeiro no Estrangeiro e estrangeiro na Pátria; e, nesta, estrangeiro ao passado vivido, e estrangeiro ao presente, cujos fios de continuidade pretérita lhe escapam (LOPES, 1961, p. 64-65).

O componente proustiano na obra de José Rodrigues Miguéis, introduzido pelo tema da saudade, está presente em *Regresso à cúpula da pena*. Como lembrou Margarida Barahona, ele revela a “crise do sujeito desintegrado socialmente” (BARAHONA, 1981, p. 24). Trata-se, pois, da persistência de uma memória de origens, pela qual o Autor se lança à aventura de um reencontro. O próprio Miguéis, em sua narrativa autobiográfica *Um homem sorri à morte com meia cara*, não deixa dúvidas a esse respeito: “Era a minha maneira de continuar a viver em Portugal, sem estar lá” (MIGUÉIS, 1965, p. 57). Eduardo Lourenço, ao escrever sobre as marcas que o exílio deixou na obra de Miguéis, deu a entender que, apesar de viver longe de Portugal, o Autor sempre esteve essencialmente na terra que deixou. Vale a pena conferir, a respeito do tema, a seguinte reflexão inserida em *Mitologia da saudade*:

Contrariamente à lenda, o povo português, ferido como tantos outros por tragédias reais na sua vida coletiva, não é um povo trágico. Está aquém ou além da tragédia. A sua maneira espontânea de se voltar ao passado em geral, e para o seu em particular, não é nostálgica e ainda menos melancólica. É simplesmente *saudosa*, enraizada com uma tal intensidade no que ama, quer dizer, no que é, que um olhar para o passado no que isso supõe de verdadeiro afastamento de si, uma adesão efetiva ao presente como sua condição, é mais da ordem do sonho do que do real. É esse lugar de sonho, esse lugar ao abrigo do sonho, esse passado-presente, que a “alma portuguesa” não quer abandonar (LOURENÇO, 1999, p. 14).

E assim, no momento crucial de sua existência, em que tudo parecia se perder, José Rodrigues Miguéis recorreu à literatura para permanecer vivo. Pode conceber, naquela agitada noite que passou junto a outros pacientes desenganados, uma de suas mais belas histórias sobre o mito do eterno retorno: *Regresso à cúpula da pena*. Na abertura desse texto a personagem-narrador define-se como “um doente despersonalizado (...) que via agora com espanto que o que trazia comigo era apenas um ramalhete de flores murchas, um cadáver conservado de que urgia libertar-me” (MIGUÉIS, 1982, p. 125). Os sonhos premonitórios que o assaltavam lá fora, a imagem irreconhecível no espelho, o intenso desejo de sobreviver e metamorfosear-se, a sua visão fragmentada do mundo, tudo isso o impelia a

voltar. Era preciso, porém, enfrentar o espectro mortal que se lhe aparecia diante dos olhos, sobrepôr as representações do Eu dividido ou alienado e, segundo suas próprias palavras, desapegar-se:

Tinha aguentado de cara alegre a solidão do mundo e a luta, porque levava dentro de mim, como um talismã, aquela imagem cristalizada, e não podia agora sofrer esta nova solidão, inesperada, entre as coisas e gentes que me haviam sido familiares e próprias. Vinte e tal anos de trabalhos e canseiras na esperança fixa de voltar, de reatar-me, de ser – e tudo me parecia de repente esforço perdido, carga inútil, peso morto, tempo vivido em vão. Pior: como se, para viver, não me afundar, me fosse preciso agora desapegar-me de alguma coisa que, sem o saber, se fizeram parte inalienável de mim, e não coincidia com o presente. Era o passado de mim mesmo (MIGUEIS, 1982, p. 126).

Neste memorável conto, portanto, José Rodrigues Miguéis transita pelo terreno do fantástico, fazendo-o com um olhar de estranhamento, ainda que a razão lhe acene, depois, para soluções verossímeis diante da aparição do elemento brutal que se traduz, literalmente, pela avidez destruidora de seu oponente. Importa observar, a propósito, que ao longo de toda a narrativa Miguéis põe o protagonista do conto na condição de herói mítico e desterrado, aquele que regressa do exílio, que se reconhece ao reviver o passado, que supera o desafio do tempo, que vence seus fantasmas e, enfim, que se reintegra. A autenticidade a tais acontecimentos é conferida por uma perfeita simbiose entre a ação do narrador e a atmosfera insólita que permeia os píncaros do rochedo no qual se pode observar o mundo em toda sua cristalina nitidez. Mesmo assim, o cenário vertiginoso do embate entre o Eu e o Outro está permeado pela ambiguidade: sonho ou realidade? Imaginação ou fantasia? Verdade ou ilusão?

Lisboa, cidade-mãe, como memória-esperança no olhar do narrador, percebeu-a com nitidez Teresa Martins Marques: “numa situação-limite, como a da iminência da morte, a recordação de Lisboa ganha uma dimensão trágica de profunda saudade do passado da infância, mas que é também saudade da vida que o narrador teme perder” (MARQUES, 1997, p. 106). Pelo que se depreende de sua análise literária, o protagonista de *Retorno à cúpula da pena* retorna a Portugal não apenas para recompor o espaço-tempo, mas para reencontrar o Eu presente, a sua identidade mais autêntica: “Despenhando, oniricamente, sem pena, o seu passado do alto do zimbório da Pena, o sujeito liberta-se para reencontrar a cidade, desistindo de mudar a imitável flecha do Tempo” (MARQUES, 1997, p. 167). É este José Rodrigues Miguéis mítico, cuja “poderosa e original sensibilidade” – segundo a abalizada opinião de Massaud Moisés – “apóia-se numa

imaginação multimoda, capaz de variar desde o humor que desencadeia o riso franco até ao patético e ao dramático mais pungentes” (MOISÉS, 1974, p. 146).

A reintegração desejada pelo herói da narrativa, afinal, voltava-se para a terra que um dia deixou, ao se lançar às águas turvas do desconhecido. Seu regresso, portanto, não deixa de soar como uma retomada do tempo perdido, reencontro consigo próprio. “Lisboa em mim, Sintra em mim, tudo em mim outra vez”, diria o navegante-escritor que se redime pelo espaço sagrado da ficção. Ulisses, vencidas as tormentas e sobrevivente aos temporais, voltava enfim para sua amada Penélope, que, na odisséia do exilado José Rodrigues Miguéis, tem outro nome: Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARAHONA, Margarida. *Textos literários – contos de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa: Seara Nova / Editorial Comunicação, 1981.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad. Nilton Cezar Tripadalli. Curitiba: UFPR, 2006.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Trad. José A. Ceschin. 9ª edição. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- LOPES, Óscar. *Cinco personalidades literárias*. 2ª edição. Porto: edição do autor, 1961.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MARQUES, Teresa Martins. *O imaginário de Lisboa na ficção narrativa de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa: Estampa, 1997.
- MELLO, Fernando Ribeiro. *Antologia do conto fantástico português*. Lisboa: Afrodite, 1974.
- MIGUÉIS, José Rodrigues. *Léah e outras histórias*. 7ª edição. Lisboa: Estampa, 1982.
- _____. *Um homem sorri à morte com meia cara*. 2ª edição. Lisboa: Cor, 1965.
- MOISÉS, Massaud. *Presença da literatura portuguesa – modernismo*. 3ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Artigo recebido em: 20 de Agosto de 2012.

Artigo aprovado em: 29 de Outubro de 2012.